

## Claudio Magris e as fronteiras do discurso: uma leitura de *Às cegas*

Doutoranda Maria Célia Martirani Bernardi Fantin (USP)<sup>1</sup>

### Resumo:

*O último romance do escritor italiano contemporâneo Claudio Magris “Às cegas” oferece, como uma de suas infinitas possibilidades de leitura, o questionamento acerca da Retórica, aqui entendida enquanto discurso de persuasão. O presente estudo pretende analisar de que modo os procedimentos narrativos utilizados pelo autor põem em cheque os apelos retóricos que aprisionam a narrativa e, também o leitor, buscando uma verdadeira rejeição à tirania do discurso centralizador, que se concentra apenas em persuadir para submeter e alienar.*

**Palavras-chave:** Claudio Magris; intertextualidade; polifonia; Retórica

### Abstract:

*The latest novel of the contemporary Italian writer Claudio Magris “Blindly” offers, as one of its infinite possibilities of reading, the questioning about the rhetoric, here understood as a discourse of persuasion. This study aims to examine how the narrative techniques used by the author are challenging the rhetorical appeals that imprison the narrative and also the reader, seeking a real rejection of the tyranny of centralized discourse, which focuses only on persuading to submit.*

**Keywords:** Claudio Magris, intertextuality, polyphony; Rhetoric

### 1.Introdução

O escritor italiano Claudio Magris tem sido um nome, cada vez mais freqüente, nas estantes dos autores traduzidos, há pouco no Brasil, bastando apenas que lembremos de *O senhor vai entender* (MAGRIS, 2006) e deste último *Às cegas* (MAGRIS, 2009), recém chegado entre nós, por meio da impecável tradução de Mauricio Santana Dias.

Além de romancista, tradutor, ensaísta, colaborador do *Corriere della Sera* é, também, professor de língua e literatura alemãs na Universidade de Trieste, cidade em que nasceu.

A narrativa de Magris costuma ser analisada como extremamente complexa,

---

<sup>1</sup>Maria Célia MARTIRANI BERNARDI FANTIN é doutoranda do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP). Email: pispiti@yahoo.com.br

digna de leitores que tenham muito fôlego, já que pressupõe, no mínimo, a decodificação de elementos que remetem, de modo refinado e erudito, a diversos níveis do que passou a ser um dos índices da literatura moderna e, especialmente pós-moderna: o da chamada **intertextualidade**.

Partindo do pressuposto de que, no sentido estrito, a literatura remete a uma ordem significativa verbal, valendo-se amplamente do recurso intertextual, gostaríamos de retomar, de Julia Kristeva, o clássico conceito de intertextualidade: “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p.64)

No cerne da questão, o que se percebe, de modo evidente, na narrativa do famoso autor italiano, é a idéia de que todo discurso é composto de outros discursos, toda fala é habitada por vozes diversas. No limite, situamo-nos diante de uma tessitura romanesca aberta a análises que podem, exaustivamente, ser sustentadas pelos postulados bakhtinianos sobre a polifonia e o dialogismo (BAKTHIN, 1973)

Percebe-se, então, que em Magris, a intertextualidade se amplifica, cria diversos níveis de diálogo, intra e extra-texto. Poderíamos até arriscar a verificar, como um dos signos para os quais aponta sua narrativa, o de percebê-la enquanto uma espécie de palimpsesto. Ou melhor dizendo, nos termos propostos por Michel Schneider:

O autor antigo escreveu uma “primeira” vez, depois sua escritura foi apagada por algum copista que recobriu a página com um novo texto, e assim por diante. Textos primeiros inexistem tanto quanto as puras cópias; o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígios, a invenção, nunca tão nova que não se apóie sobre o já-escrito. (SCHNEIDER, 1990, p.71)

Assim, por exemplo, é que não são raras as associações que se estabelecem entre os textos de Claudio Magris e as inúmeras possibilidades de diálogo com grandes obras literárias e seus personagens, particularmente as que, de certo modo, revisitam ou recuperam, numa instigante releitura, alguns mitos clássicos como, por exemplo, os de Orfeu e Eurídice, o sinuoso périplo de Ulisses em sua longa viagem, as aventuras de Jasão em busca do velocino de ouro, entre outros.

Neste romance *Às cegas*, publicado em 2005 e lançado no Brasil em 2009, não é diferente. De fato, evidencia-se, logo à primeira vista, a recorrência a todos esses mitos e não há que negar o quanto a cultura grega, a grandeza de sua épica, além das tragédias, impregnam o texto de Magris, autorizando como plausível linha de análise de sua obra, as múltiplas relações intertextuais, magistralmente elaboradas pelo autor, como artimanhas das estratégias de seu narrar.

## **2.Odisséia da desilusão**

Nesse sentido, a primeira inevitável imagem que nos vem, quando, *Salvatore Cippico*, o louco narrador que passa a contar sua história ao doutor *Ulcigrai*, no Centro

de Saúde Mental de *Barcola* é, precisamente, a de uma fatigante e infindável viagem, uma verdadeira Odisséia. Talvez, recuperando as palavras do próprio Magris, no ensaio: “O romance é concebível sem o mundo moderno?” – publicado no 1º volume de “A cultura do romance”, organizado por Franco Moretti - este seu romance seja: “a história de um indivíduo que busca um sentido que não há, é a odisséia de uma desilusão...” (MAGRIS in MORETTI, 2009, p.1018)

*Cippico* é apresentado como um militante comunista, obrigado a viver em trânsito, totalmente desenraizado, por questões políticas, numa eterna viagem, empunhando a bandeira vermelha da utopia, arriscando a própria vida em prol dos ideais do Partido, que eram, visceralmente os seus. Utopia que durou por longo tempo, enquanto os torturadores, carcereiros e tiranos que o submetiam não eram os próprios companheiros.

De fato, os dados que aparecem em seu prontuário, revelam-no como um caso raro de sobrevivente, que teria resistido a vários tipos de cárcere:

Demitido depois de detenção por propaganda e atividade antifascista. Militante do Partido Comunista clandestino. Várias vezes detido. Participou da Guerra de Espanha. Militar na Iugoslávia; depois do 8 de setembro, membro da Resistência. Deportado a Dachau. Em 47, emigra para a Iugoslávia com dois mil “*monfalconenses*” para construir o socialismo. Depois do rompimento entre Tito e Stálin é preso pelos iugoslavos como membro do *Cominform* e deportado em 49 para o *gulag* de *Goli Otok*, a ilha Nua ou Calva, no *Quarnero*. Submetido como os demais, a trabalho inumano e massacrante, sevícias e torturas. Provavelmente remontam a esse período seus distúrbios e suas acentuadas manias de perseguição. (MAGRIS, 2009, p.13)

Aos poucos, vamos nos dando conta de que a única chama capaz de mantê-lo vivo nas situações mais aterrorizantes, como, por exemplo, a de sua deportação ao *lager* de *Dachau* era o fato de ter sido muito bem treinado pela *intelligentsia* do Partido a resistir, aferrado à idéia da construção de um mundo em que todos os companheiros deveriam se unir. Porém, a total aniquilação de seu ideal revolucionário, a viagem sem retorno, significando morte em vida, já que, para ele “vida é revolução” e a “revolução é uma volta para casa” ocorre, a partir do inevitável desgaste das bases do Partido e dos desmandos do então “companheiro Tito”. (MAGRIS, 2009, p.70)

Aqui, a odisséia que se concretiza é a da desilusão, a do fim das utopias, pois se Ulisses consegue voltar, tendo sua cicatriz identificada, a dele, que é a de quem volta de *Goli Otok* é irreconhecível de tão monstruosa, pois *Salvatore Cippico*, *Cipiko*, *Čipiko*, profissão: detido/deportado transforma-se apenas num anti-herói multifacetado, vivendo uma total dissociação identitária, no limite da esquizofrenia, carregando *pirandellianamente* todas as máscaras de ser “um, nenhum, cem mil”, uma *displaced person*, eterno estrangeiro, sem lugar no mundo, rotulado como louco, restando-lhe apenas o cárcere da clínica psiquiátrica. Confinamento, dessa vez, obrigatório, não pela

nobre causa da bandeira vermelha que ele, simbolicamente, comparava ao velocino de ouro, procurado e encontrado por Jasão, mas a do confinamento trágico de uma existência que se percebe vã:

Retornar com o velocino de ouro, não importa depois de quantas circum-navegações...

Por que a viagem foi tão longa? O companheiro professor *Blasich* diria que os argonautas devem sempre fazer muita estrada; segundo alguns, eles sobem até o Danúbio ou talvez o Don, atravessa a *Sarmátia* e o mar *Crônio* e descem pelo oceano para voltar pelas portas de Hércules – *mare tenebrarum*, grandes águas de ocidente, pôr do sol dourado como o velocino -, uma antiga moeda encontrada em *Ribadeo*, na Galícia, traz a efígie de um aríete de pelo de ouro. Ele, Jasão, volta com o velocino, mas eu, se procuro no bolso, não acho nada, no máximo essa sua bolacha, doutor, uma moeda de ouro que dissolve na boca e faz dormir; o dragão adormece, como quando bebe as poções mágicas de Medeia, e quando acorda o tesouro não está mais lá. Onde está a bandeira vermelha, quem a roubou?

Nenhuma viagem é demasiado longa e perigosa se traz de volta à casa... Como, voltar de *Goli Otok* para onde?... (MAGRIS, 2009, p.68-69)

### 3.Abaixo a Retórica

Além da sinuosidade de uma narrativa que oscila como um barco à deriva da fragmentação, que titubeia na voz e vozes desse narrador difícil de apreender, há que notar uma outra possibilidade de leitura do texto, subjacente ao diálogo explícito com os flagrantistas da história do Comunismo no século XX – numa releitura da História Oficial - e das relações intertextuais com a literatura épica e a tragédia grega.

Chama a atenção que, por meio da ironia, *Salvatore*, quando já considerado louco e no momento específico em que conta sua história ao médico narratário, assumia ares de total reprovação, diante dos discursos que classifica como “retóricos”.

Assim, lembra de sermões de igreja, em que as perguntas do reverendo eram feitas com as respostas já implícitas e de todas as outras situações traumáticas que vivera, nas salas de tortura, em que a mesma insistência persuasiva e manipuladora direcionava certos interrogatórios, através da violência, a fim de obter informações secretas.

Importa notar que ele também percebe esse tipo de discurso persuasivo nas questões que o doutor lhe propõe, porém, pelo menos, este “não ergue as mãos, ao contrário, sendo gentil” (MAGRIS, 2009, p.16) e não se incomoda se fica calado.

Segundo Abbagnano, a Retórica é a arte de persuadir com o uso de instrumentos

lingüísticos, tendo sido a grande invenção dos sofistas. No diálogo de Platão, intitulado *Górgias*, evidencia-se o caráter positivo, a habilidade do retórico em “falar contra todos e sobre qualquer assunto, de tal modo que, para a maioria das pessoas consegue ser mais persuasivo que qualquer outro com respeito ao que quiser”. Na evolução do conceito, só com Aristóteles, a Retórica passa a assumir função específica, compreendida em chave dialética, enquanto: “faculdade de considerar, em qualquer caso, os meios de persuasão disponíveis”. O Cartesianismo, adotado maciçamente no século XIX, teria sido a maior causa da decadência da Retórica. (ABBAGNANO, 2003, p.856-857)

Embora em termos de análise do discurso possamos reconhecer vários níveis de persuasão explícita ou subliminar, em qualquer tipo de intenção lingüística, cumpre observar que o narrador, mesmo tendo aceitado, em certa fase da vida, todo chamado retórico do Partido, sendo, inclusive propagandista das idéias revolucionárias, somente quando “enlouquece” adquire a lucidez necessária, a consciência diante do poder traiçoeiro dessas manobras da linguagem: “Nunca há respostas para as perguntas retóricas...” (MAGRIS, 2009, p.8)

Então, a recorrência aos fragmentos delirantes do que a memória consegue resgatar, o apelo ao simbólico, especialmente pela recuperação e projeção de passagens vivenciadas ficcionalmente por personagens da literatura, em atitude quixotesca, representando essa loucura do narrar, não são apenas procedimentos narrativos, encontrados pelo autor para tratar do discurso de um perturbado psiquicamente.

Ao optar por essa aparente desordem da linguagem, nos termos propostos por Lacan, em suas teorias sobre psicoses e esquizofrenia, o narrador investe nessa desconexão que tangencia certas deficiências infantis em aceder plenamente ao domínio da fala, mas capaz de traduzir, muitas vezes poeticamente, desnorteantes sensações de irrealidade. (LACAN apud JAMESON, 1985, p.22)

## **Conclusão**

O que *Salvatore Cippico* pretende, em síntese, por meio de suas múltiplas e esquizofrênicas vozes, é libertar a narrativa da camisa de força do dirigismo retórico, que aprisiona e tortura a todos, inclusive a nós, leitores. Daí, também, porque se justifique que nele habitem todos e nenhum, numa ode à anarquia de contar a história a seu bel prazer, já que a suposta e previsível ordem discursiva que possa nos convir está intimamente relacionada à onipotência de um único narrador, cujas rédeas firmes se apóiam na persuasão tirânica que distorce a realidade.

Em vez da oposição do racionalismo de Descartes no combate aos sofismas, o que aqui se tem como contraposição é a apologia da não linearidade, travestida sob as formas da loucura e da relativização, como inteligente fuga das malhas da teia do discurso centralizador que só quer persuadir e submeter.

O que sobrevive em quem sobrevive ao cheiro de morte dos fornos crematórios de *Dachau*, aos porões e celas fétidas de tortura, às SS, às cabeças nas latrinas, aos cassetes nos ouvidos, à *Goli Otok*? O que sobrevive a isso?

Nós, *pijeskari*, cavadores de areia, devíamos estar com aquele mar até o peito, inclusive no inverno, raspando-o fundo com a pá para recolher a areia e carregar os batéis, para cima e para baixo com a pá na água gelada. Depois de um tempo nem se sente o gelo; a pá sobe e desce, se não se move com rapidez e cheia de areia vem a bordoada, um deles quebrou o nariz e continuou ali, de molho até o peito, a cara arrebentada, sangue e muco de gelo. A pá se levanta e se abaixa, não se sente mais a mão. O sal esfola a pele mais que o vento, não é uma surpresa. O mar não tem piedade, mas por que só ele deveria ter? (MAGRIS, 2009, p.71-72)

Um homem e sua inenarrável dor, a cicatriz monstruosa que ninguém consegue reconhecer... Um homem, para sempre estrangeiro ao mundo, extirpada sua raiz, Ulisses sem volta para casa, Jasão sem o velocino de ouro. Um homem – “É isto um homem?”, (LEVI, 1988) indaga Primo Levi - e sua palavra que, na mais louca lucidez rompe a retórica da censura, das lavagens cerebrais do silêncio e conta, com suas infinitas vozes, ainda que simbólica e metaforicamente, a crua realidade.

Segundo Claudio Magris, em ensaio mencionado anteriormente:

a literatura contemporânea é marcada pelo sentimento de uma ferida profunda que a história parece ter infligido ao indivíduo, impedindo-o de realizar plenamente a própria personalidade em acordo com a evolução social e fazendo-o sentir a impossibilidade e a ausência da vida verdadeira, o exílio dos deuses e a fragmentação de sua própria existência. (MAGRIS in MORETTI, 2009, p.1027)

É desse indivíduo que trata seu romance *Às cegas*, daquele que, na escuridão da loucura, é o único Tirésias capaz de profetizar verdades...

### **Referências Bibliográficas:**

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.856-857.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

KRISTEVA, J. *La révolution du langage poétique – L’Avant-garde à la fin du dix-neuvième siècle*: Lautréamont et Mallarmé. Paris: Gallimard, 1974, p.64.

LACAN, J. Apud JAMESON, F. *Pós – modernidade e sociedade de consumo*. In *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo: XII : 22, jun.1985.

LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MAGRIS, C. *Às cegas*. Trad. Mauricio Santana Dias. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. O romance é concebível sem o mundo moderno? In MORETTI, F. (org). *O Romance*. Vol.1 A cultura do romance. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: CosacNaify, 2009, p. 1018, 1027.

SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras*. Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Trad. Luiz Fernando P.N. Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.